

ed.  
10  
Janeiro/2025  
umbandainiciatica.com.br



**O.I.T.C.**  
Ordem Iniciática do Tríplice Caminho  
Templo do Caboclo Sete Ondas



. O Templo Fala ao Discípulo . Carta de Saint Yves D'Alveydre a Papus . A Ciência e o TAO . Ervas na Umbanda - Yemanjá  
. Aumbandan - Um Ambulatório para a Alma . Sufismo: Surgimento, Fundamentos e Práticas . A Música na Doutrina de Síntese: Uma Visão Unicista . A Iniciação: A  
Polaridade da Vida e a Dialecticidade do Ser . O Legado Heterodoxo de F. Rivas Neto  
. A Revelação no Mar: O Encontro com o Invisível e o Resgate da Fé



## UMBANDA INICIÁTICA A Revista

EDITORIA Direção Geral: Mestre Ygberê (Olavo Solera). Supervisão: Mestra Obaositála (Jociane). Editor: Kaabianan (Nicolas). Revisão: Agbacyara (Carla). Direção de Arte: Yabatsara (Gustavo). Coordenação de TI: Yabatsara (Gustavo). Membros da OITC: Mestre Ygberê (Olavo), Mestra Obaositála (Jociane), Kaananty (Guilherme), Obiatan (Damião), Yabataiara (Robson), Yabatsara (Gustavo), Yaranala (Flavia), Aracyara (Vanda), Yabhacy (Claudia), Khauman (Alexandre), Yabiritan (Fabio), Yashinario (Karen), Tashinara (Thiago), Yanahash (Julia), Yacyodhara (Eloci), Orianan (Cintia), Yabatobi (Marcelo), Aryabhava (Silvana), Omoyanan (Débora), Yashiredan (Flavio), Yanayacy (Manoela), Obamaran (Wagner), Abaraitan (Paulo), Yanashia (Datevik), Agbacyara (Carla), Kaabianan (Nicolas), Yashiman (Vitor), Jubyara (Juliana), Uabarapitan (Edison), Yonayara (Raquel) Bruna, Caroline, João, Kauane, Liliane, Mariana e Wanna.  
Ordem Iniciática do Tríplice Caminho (OITC) - Templo do Sr. das 7 Ondas  
Praça Frederico Osanam, 27 - Ipiranga, São Paulo - SP CEP 04286-010.  
Tel.: +55 (11) 98110-0619



Ygberê (Olavo Solera) Mestre-Raiz da O.I.T.C Templo do Sr. das 7 Ondas

## O TEMPLO FALA AO DISCÍPULO

### Parte 9

- Por Mestre Ygberê

(Olavo Solera)

Gostaria de iniciar este texto com um lembrete aos amigos e irmãos: Quando decidi escrever sobre os momentos de minha vida iniciática na O.I.C.D., foi com o intuito de demonstrar que tudo caminha. Nunca houve a intenção de ser saudosista, pois, vivencio minha iniciação com meu mestre continuamente nesses 39 anos de jornada ao lado dele. Aqueles que prestaram atenção nos textos, podem perceber que os relatos são feitos de ciclos e ritmos, tal qual a vida, permitindo que nós constantemente refaçamos ou ressignifiquemos os ritos, os mitos, e tudo que contribui simbolicamente para nossa estrutura psíquica e espiritual.

Ser saudosista é demorar no ontem, sem construir no presente o futuro que almejamos. Nunca aprendi de forma diferente com o mestre, afinal, quem o conhece, sabe que ele é possuidor de mãos cheias de realizações, e nos “força” a sermos realizadores, também. Continuando...

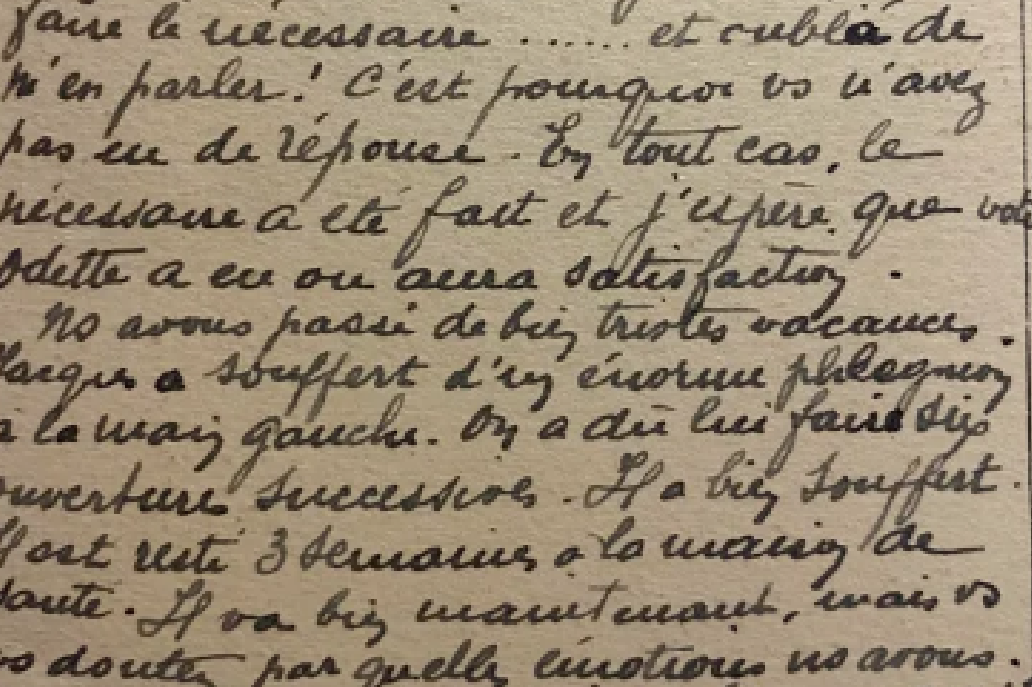
Depois de passar pelos ensinamentos dos ritos de Axé, chegou o ano de 1986. Naquele ano, o mestre nos falava que uma forte corrente indígena traria muitos conhecimentos a todos, e aguardávamos este momento com uma certa ansiedade, tão própria da juventude.

Chegado o dia, em um rito interno, “baixou” no mestre um poderoso Caboclo que deu o nome de Itingussu. Esse Caboclo falava muitas palavras indígenas, que inicialmente era de difícil entendimento. Para não perder nada, rapidamente, peguei uma prancheta e comecei a anotar tudo, para depois entender melhor o que ele dizia.

O Caboclo disse que vinha de um tempo onde a natureza falava, e todos entendiam, que o céu falava por meio do raio e do trovão, as águas das cachoeiras ao descer pelas pedreiras, os rios ao correr nas pedras, as chuvas, ora fortes, ora serenas, os mares, no ir e vir de suas ondas, e as matas sibilando com os ventos, faziam-se entender pelos homens e animais que habitavam naqueles tempos.

O Caboclo, ao iniciar o rito, pediu uma tábua e traçou um sinal cheio de símbolos, que também depois copiei (com a permissão do mestre). Eu pude perceber naqueles sinais, formas ideográficas, onomatopáicas e mnemônicas e, só depois de muito tempo, consegui traduzi-las. Este sinal me marcou tanto, que até hoje faz parte da minha história, pois incorporei o mesmo em minha Dissertação de Mestrado na Academia, que fala sobre a Magia dos Pontos Riscados da Umbanda Esotérica, com a devida autorização do mestre.

Passados alguns dias, esse Caboclo novamente incorporou, traçou um novo sinal de ordens e direitos de trabalho, lançando sobre o mesmo 3 ponteiros que lá ficaram durante vários anos de trabalho. Era o início da Doutrina do Tríplice Caminho! Ele também disse que teria que fazer uma série de ritos, e que também traria novos conhecimentos a mando do Caboclo Urubatão e do Pai Joaquim. Para isso, teria de levar todos à novas fases, sendo a primeira a de Ogum, onde todos seriam chamados. Seus instrumentos seriam as 7 Espadas de Ogum...



## CARTA DE SAINT YVES D'ALVEYDRE A PAPUS

Meu querido amigo,

Tenho um grande prazer em responder a vossa excelente carta. Não tenho nada que acrescentar ao vosso notável livro sobre a Cabala judaica. Pode ser classificado entre os de primeira linha, pela eminente e merecida apreciação feita pelo saudoso Sr. Frank, do Instituto, o homem mais capacitado a tecer um juízo sobre esse tema.

Vossa obra completa a dele, não somente quanto à erudição, mas também na bibliografia e na exegese dessa tradição especial, e, mais uma vez, crio este livro definitivo. Mas, sabendo meu respeito pela tradição e, ao mesmo tempo, minha necessidade de universalidade e de verificação por todos os processos dos métodos atuais, conhecendo, além do mais, o resultado dos meus trabalhos, não deveis temer que eu venha a ampliar o tema, e, ao contrário quereis pedi-lo.

Não aceitei até agora, devido ao benefício que pode trazer ao inventário dos livros sobre a Cabala judaica, apesar do seu interesse.

Porém, uma vez feito o inventário, as minhas pesquisas pessoais encaminham-se para a universalidade anterior, de onde procedem esses documentos arqueológicos, desde o começo, bem como as leis que puderam provocar esses feitos do espírito humano.

Para os judeus, a Cabala provém dos caldeus, elaborada por Daniel e Esdras.

Entre os israelitas anteriores à dispersão das dez tribos não judias, a Cabala provinha dos egípcios, composta por Moisés.

Tanto para os caldeus como para os egípcios, a Cabala formava parte do que todas as Universidades metropolitanas chamavam de Sabedoria, isto é, a síntese das Ciências e das Artes, reintegradas ao seu Princípio comum. Esse Princípio era a Palavra do Verbo.

Um precioso testemunho da antigüidade patriarcal pré-mosaica, confirma essa sabedoria perdida ou transformada, aproximadamente 3.000 anos antes de

Nosso Senhor Jesus Cristo. Esse testemunho é Jó, e a antigüidade desse livro é tautologicamente confirmada pela posição das constelações que ele menciona: "Que foi da Sabedoria, onde, pois, está?", disse esse Santo patriarca.

Em Moisés, a perda da unidade anterior e o desmembramento da Sabedoria patriarcal, são indicados com o nome de divisão das línguas e época de Nimroud. Essa época caldeia corresponde à época de Jó.

Outro testemunho da antigüidade patriarcal é o Brahmanismo. Ele conservou todas as tradições do passado, superpostas com os diferentes acontecimentos geológicos da Terra. Todos os que o estudaram do ponto de vista moderno, ficaram surpreendidos pela riqueza de seus documentos e a impossibilidade de uma classificação mais satisfatória, tanto do ponto de vista cronológico, como do científico. Suas divisões em seitas bramânicas, vishnavistas, sivaistas, por não falar mais daquelas, contribuíram da mesma forma para essa confusão.

Não é menos certo que os brâmanes do Nepal remontam ao começo da época do Kaly-Yuga, à ruptura da antiga universalidade e à unidade primordial de ensino. Essa Síntese primitiva levava, muito antes do nome de Brahma, o de Isvha-Ra, Jesus Rei: Jesus Rex Patriarcarum, contam as nossas litânias.

É a essa Síntese primordial que São João faz alusão no início de seu Evangelho; porém, os

brâmanes estão longe de duvidar que seu Isoua-Ra seja nosso Jesus, Rei do Universo, como Verbo Criador e Princípio da Palavra Humana. Sem isso, seriam todos cristãos.

O esquecimento da Sabedoria Patriarcal de Isvha-Ra data da época de Krishna, o fundador do Brahmanismo e de sua Trimurti. Aí também existe concordância entre os brâmanes, Jó e Moisés, tanto quanto aos fatos, como à época.

Desde esse tempo babélico, nenhum povo, nenhuma Universidade, tem possuído mais do que restos de pequenos fragmentos da velha Universidade dos Conhecimentos divinos, humanos e naturais, reduzidos a seu princípio: o Verbo Jesus. Santo Agostinho define como Religio Vera, essa Síntese Primordial do Verbo.

A Cabala dos Rabinos, relativamente de redação recente, era conhecida do começo ao fim pelos adeptos judeus, em suas fontes escritas ou orais, no primeiro século de nossa era. Certamente, não havia segredos para um homem de valor da ciência de Gamaliel. Porém, não os havia também para seu primeiro e proeminente discípulo, São Paulo, que se tornou o apóstolo do Cristo Ressuscitado.

Vejamos, agora, o que diz São Paulo na sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 2, versículos 6-8:

"Predicamos a sabedoria aos perfeitos, não a sabedoria deste mundo, nem dos principais deste

mundo, que se destroem; mas, predicamos a sabedoria de Deus, encerrada em seus Mistérios; sabedoria que havia permanecido oculta, que Deus, antes de todos os séculos, havia predestinado e preparado para a nossa glória; que nenhum dos primeiros deste mundo a tem conhecido; pois se a tivessem conhecido, nunca teriam crucificado ao Senhor da Glória."

Essas palavras são pesadas em quilates como o ouro e os diamantes, e não existe uma só, dentre elas, que não seja infinitamente precisa e preciosa. Elas proclamam a insuficiência da Cabala judaica. Antes de tudo, verifiquemos a origem do termo Cabala: ele tem dois sentidos, de acordo com a forma em que é escrito, conforme os judeus. Se o escrevemos com "Q", isto é, adotando a vigésima letra do alfabeto assírio, a que corresponde ao número 100, ou com a letra "C", a décima primeira letra do mesmo alfabeto, que corresponde ao número 20.

No primeiro caso, o nome significa transmissão, tradição, e a coisa fica assim indecisa, pois, tanto vale o transmissor quanto a transmissão; tanto vale o traditivo quanto vale a tradição.

Acreditamos que os judeus nos transmitiram bastante fielmente o que receberam de seus sábios em sua escrita caldéia original, e que foi refundido nos livros anteriores por Esdras, guiado pelo Grande Mestre Daniel, da Universidade dos Magos da Caldéia. Mas, do ponto de vista científico, isso não amplia muito a questão, que foi recuando no tempo, por meio do levantamento dos documentos assírios, e assim subseqüentemente até chegar à fonte primordial.

No segundo caso, Ca-Ba-Lá, significa a potência das XXII letras, CaBa, já que

C=20 e B=2.

Mas, então, a questão é resolvida exatamente, pois se trata do caráter científico determinado pelos antigos patriarcas ancestrais, para os alfabetos de vinte e duas letras numerais.

Temos que considerar esses alfabetos como um monopólio das raças chamadas semitas? Talvez seja realmente um monopólio, ou muito pelo contrário.

Segundo as minhas pesquisas sobre os antigos alfabetos da Ca-ba-Lá, de XXII letras, o mais oculto, o mais secreto, que me serviu de protótipo não tão somente para todos os outros do mesmo gênero, mas também aos signos védicos e às letras sânscritas; trata-se do alfabeto ário. É aquele alfabeto que fui feliz em transmitir e que obtive de eminentes brâmanes, os quais nunca, nem em sonho, exigiram-me guardar segredo dele.

Esse alfabeto se distingue dos outros chamados semitas, porque suas letras são morfológicas, isto é, falantes, exatamente pelas suas formas, o que o transforma num alfabeto absolutamente único. Mais, ainda, um estudo cuidadoso me levou a descobrir que as mesmas letras são o protótipo dos signos zodiacais e planetários, o que é também de máxima importância.

Os brâmanes chamam a este alfabeto de Vattan; e parece que se remonta à primeira raça humana, pois, pelas suas cinco formas matrizes, rigorosamente geométricas, confirma ele mesmo: Adão, Eva e Adamah.

Moisés parece apontá-lo no Versículo 19 do Capítulo II de seu Sepher Bereshit. Mais ainda; esse alfabeto se escreve de baixo para cima, e suas letras se agrupam de tal maneira que formam imagens morfológicas falantes. Escrevem-no da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Por todas as razões precedentes, esse alfabeto protótipo de todos os Kaba-Lim, pertence à raça ária. Não podemos continuar a denominar com o nome de semitas os alfabetos desse gênero, pois, não é o monopólio das raças que se denomina assim, com razão ou erradamente.

É possível, e deve-se, chamar esses alfabetos de esquemáticos. Agora, bem, o esquema não significa somente signos da palavra, mas também signos da glória. Esses alfabetos existem também em outras línguas, como o eslavo; assim, por exemplo, a etimologia do termo eslavo é slovo e slava, que significam: "palavra e glória".

Esses sentidos nos conduzem a significados muito altos. O sânscrito costuma corroborar essa elevação. Sama, que encontramos também nas línguas de origem celta, significa similar, identidade, proporcionalidade, equivalência, etc.

O termo Cabala, tal como o compreendemos, significa o Alfabeto das XXII Potências, ou a Potência das XXII letras desse alfabeto. Esse tipo de alfabeto tem um protótipo ário ou jafético, que

pode ser designado, certamente por direito, com o nome de Alfabeto da Palavra ou da Glória.

Palavra e Glória! Por que estes dois termos estão relacionados em duas línguas antigas, tão distantes uma da outra, como o eslavo e o caldeu? Isso é sustentado por uma constituição primordial do espírito humano, em um Princípio comum, ao mesmo tempo científico e religioso: o Verbo, a Palavra cosmológica e seus equivalentes.

Jesus, em sua última oração tão misteriosa, lança nisso, como em tudo, uma luz esclarecedora sobre o mistério histórico que nos ocupa agora: "Oh, Pai! Coroa-me com a glória que tive antes de que este mundo fosse!"

O Verbo Encarnado faz alusão, com isso, à Sua Obra, à Sua Criação direta como Verbo Criador.

Criação designada com o nome de "Mundo Divino e Eterno da Glória", protótipo do mundo astral e temporal, criado pelos Alahim, sobre este modelo incorruptível.

Que o Princípio Criador seja o Verbo, a antigüidade não possui sobre este ponto mais que uma voz unânime. Falar e criar são, aqui, o sinônimo de todas as línguas.

Entre os brâmanes, os documentos anteriores ao culto de Brahma apresentam a ISOu-ra, Jesus Rei, como Verbo Criador.

Entre os egípcios, os livros de Hermes Trismegisto dizem a mesma coisa, e OShI-Ri é Jesus Rei, lido da direita para a esquerda.

Entre os trácios, Orfeu, iniciado nos Mistérios do Egito pela mesma época que Moisés, escreveu um livro intitulado "O Verbo Divino". Enquanto para Moisés, o Princípio é o motivo da primeira frase de seu Sepher. Não se trata da Essência de Deus, IHOH, que é nomeado somente no sétimo dia, mas de seu Verbo Criador da héxade

divina: BaRa-Shith, em que Bara significa falar e criar; Shith, significa héxade. Em sânscrito, temos o mesmo significado para BaRa-Shith.

Este termo, BaRa-Shith, tem dado lugar a polêmicas e inúmeras discussões. São João não defende o termo como Moisés desde o começo de seu Evangelho, e escreve em Siríaco, língua cabalística de XXII letras: "O Princípio é o Verbo. Jesus tinha dito: 'Eu sou o Princípio'".

O sentido exato é fixado, assim, por Jesus, que confirma toda a universalidade pré-mosaica anterior. O que precede explica por que as Universidades verdadeiramente antigas, consideraram o Verbo Criador como a incidência, da qual a palavra humana é o reflexo exato, quando o processo alfabético se encaixa perfeitamente no planisfério do Cosmos.

O processo alfabético, junto com todos os seus equivalentes, representa, então, o Mundo Eterno da Glória; e o processo cósmico representa o mundo dos céus astrais.

É por isso que o Rei Profeta, eco de toda a antigüidade patriarcal, disse: "*Céli enarrant Dei Gloriam*", ou, em francês (aqui traduzido para o português): "O mundo astral reflete o mundo da Glória divina." O Universo invisível fala por meio do Universo visível.

Permanecem, assim, dois casos a serem resolvidos: primeiro, o processo cósmico das escolas antigas; segundo, o dos alfabetos correspondentes.

Para o primeiro ponto, III Formas matrizes: O centro, o rádio ou diâmetro e o círculo; XII signos

involutivos; VII signos evolutivos. Em ambos os casos: III + XII + VII = XXII = CaBa, pronunciando-se: C=20, B=2, dando um total de 22, C, Q, F, D.

Os alfabetos das 22 letras correspondiam, pois, a um Zodíaco solar ou solar-lunar, montado a partir de um setenário mais evoluído: Eram os alfabetos esquemáticos.

Os outros, de acordo com o mesmo método, provinham das 24 letras, dos horários dos precedentes, de 28 letras, seus lunares; por 30, seus mensais solar-lunares; por 36, seus decânicos, etc. Sobre os alfabetos das 22 letras, a Regia, a emissiva da ida, a remissiva da volta, era o I, o Y e o J, e colocada sobre o primeiro triângulo equilátero inscrito, devia formar ontologicamente, com as outras duas, o nome do Verbo e o de Jesus, IshVa-(Ra), OshI-(Ri).

Pelo contrário, todos os povos que têm adotado o Cisma Naturalista e Lunar, escolhem a letra M como Regia, que governa o segundo trígono elemental.

Todo o sistema védico, e depois o brahmânico, tem sido regulado posteriormente por Krishna dessa forma, a partir do Kaly-Youg. Essa é a chave do Livro das Guerras de IEVE, guerra da letra Regia I ou Y contra a usurpadora M.

Tendes visto, meu querido amigo, as moderníssimas provas, fruto da simples observação e da experiência científica, pelas quais a mais antiga tradição foi, ao mesmo tempo, restabelecida e verificada

por mim. Portanto, não falarei mais do que o estritamente necessário para o esclarecimento do fato histórico da Cabala.

Conforme os patriarcas que os têm precedido, os brâmanes têm dividido as línguas humanas em dois grandes grupos: (1º) Devanagari: são as línguas da cidade celestial ou da civilização reintegrada ao seu Princípio Cosmológico Divino; (2º) Prácritas: são as línguas das civilizações selvagens ou anárquicas. O sânscrito é uma língua devanagari de quarenta e nove letras; o veda, igualmente, com suas oitenta letras e signos, derivados do ponto do AUM, ou seja, da letra M.

Essas duas imagens são cabalísticas em seu sistema particular, no qual a letra M é o ponto de partida e de retorno.

Porém, elas têm sido, desde sua origem e continuando até os nossos dias, articuladas sobre uma fatia do templo de vinte e duas letras, da qual a letra Regia primeira é o I.

Todas as retificações se tornam possíveis e fáceis, graças a esta chave, no triunfo e maior glória de Jesus, verbo de IEVE, dito de outra forma, da Síntese primordial dos primeiros patriarcas.

Os atuais brâmanes conferem a seu alfabeto de vinte e duas letras uma virtude mágica; porém, esses termos não possuem, para nós, mais do que uma conotação de superstição e ignorância.

Superstição, decadência e superestação de elementos arqueológicos e de fórmulas mais ou menos alteradas, porém, com um estudo mais profundo se poderia, como neste caso, relacionar uma experiência ou um ensinamento anterior, de forma científica e consciente, e não de forma metafísica ou mística. Esse

ensinamento primordial foi motivado, principalmente, pela maior ou menor ignorância dos fatos, das leis e dos princípios.

Por outra parte, a Escola lunar vedo-bramânica não é a única na qual a ciência com sua síntese solar, a religião do Verbo, tem degenerado em Magia. Basta que se explore um pouco a universalidade terrestre, a partir da época babélica, para ver uma crescente decadência, atribuída cada vez mais à influência envolta de um caráter de superstição e magia, que exercem cada vez mais os alfabetos antigos.

Da Caldéia até a Tessália, da Escítia até a Escandinávia, dos Kouas de Fo-Hi e dos Musnads da antiga Arábia aos Runas dos Varaignes, podemos observar a mesma degeneração.

A verdade, nisso como no todo, é infinitamente mais maravilhosa que o erro, e conheceis, querido amigo, esta admirável verdade.

Por último, como nada se perde na humanidade terrestre, da mesma forma que no Cosmos inteiro, o que tem acontecido ainda é testemunho da antiga universalidade da que nos fala Santo Agostinho, em suas Retrações.

Os brâmanes cabalizam com os oitenta signos védicos, com as quarenta e nove letras do sânscrito devanagari, com as dezenove vogais, semivogais e ditongos, isto é, toda a mistura de Krishna, acrescentada por ele ao alfabeto Vattan ou Adâmico.

Os árabes, os persas e os

soubbas, cabalizam com seus alfabetos lunares de vinte e oito letras, e os marroquinos com seu Koreish.

Os tártaros manchus cabalizam com seu alfabeto mensal de trinta letras. As mesmas observações podem ser feitas entre os tibetanos e os chineses, e etc., e as mesmas reservas podem ser feitas quanto às alterações da ciência antiga, dos equivalentes cosmológicos da palavra.

Resta saber em que ordem devem ser dispostos funcionalmente esses XXII equivalentes, sobre o Planisfério do Cosmos.

Querido amigo, tendes sob os olhos o modelo, de acordo com aquele que foi legalmente depositado sob o nome de Arqueômetro.

Vós sabeis que as chaves deste instrumento de precisão, para serem usadas em elevados estudos, têm sido dadas pelo Evangelho, por certas palavras precisas ditas por Jesus e comparadas com as de São Paulo e São João.

Todas as Universidades religiosas, asiáticas e africanas, abastecidas pelos alfabetos cosmológicos, solares, solar-lunares, horários lunares, mensais, etc, servem-se de suas letras de forma cabalística.

Trata-se da ciência pura, da poesia interpretando a ciência, ou da inspiração divina, todos os livros antigos, escritos em línguas devanagari e não prácritas, que não podem ser compreendidas se não fosse a Cabala dessas línguas.

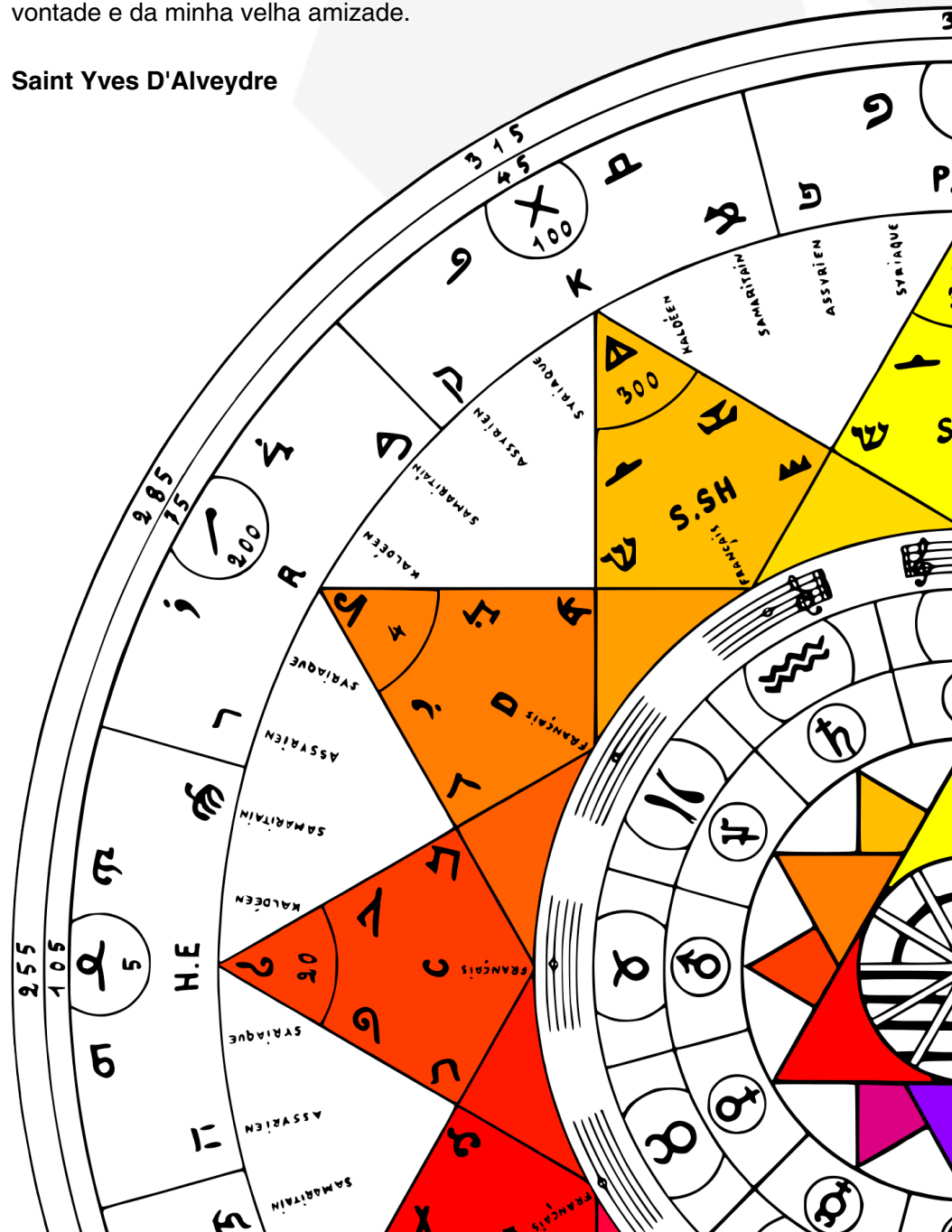
Porém, aquelas devem ser reintegradas às XXII equivalentes esquemáticas, e estas, às suas posições cosmológicas exatas.

A Cabala dos Judeus está, pois, motivada por toda a constituição anterior do espírito humano; porém, ela tem necessidade de ser arqueométrica, isto é, medida por um princípio regulador, controlada sobre o instrumento de precisão do Verbo e de sua Síntese primordial.

Não sei, querido amigo, se estas páginas respondem à vossa afetuosa espera. Não pude mais do que resumir capítulos inteiros em algumas linhas.

Rogo-vos, pois, desculpar as imperfeições e olhar o que precede, como um testemunho da minha boa vontade e da minha velha amizade.

**Saint Yves D'Alveydre**



## A CIÊNCIA E O TAO - Por Mestre Obaositala

(Jociane - Iniciada de Mestre Ygbere)

Na sociedade ocidental, onde tudo é meticulosamente planejado e articulado, onde ficou nossa espontaneidade? Afinal, o que deseja nos dizer essa escola milenar de pensamento, que tanto iluminou o oriente, e que, aos poucos, vem angariando adeptos fervorosos no ocidente, inspirando filósofos e teólogos?

O Tao é identificado como O Absoluto, que por divisão, gerou o Yin e o Yang, os opostos, e, ao mesmo tempo, complementares, que formam todas as coisas que existem no Universo.

À semelhança do Hinduísmo e do Budismo, o Taoísmo se interessa pela sabedoria intuitiva, e não pelo conhecimento racional. É um caminho de libertação do mundo, compreendendo e respeitando a profunda sabedoria que guiou a espécie até aqui.

Então, como foi que chegamos a tão intenso desequilíbrio com o Tao? Onde foi que o ocidente se perdeu? Haverá meio de retornar a esse equilíbrio?

Somente a união entre Religião, Arte, Filosofia e Ciência num mesmo ideal, garantirá o equilíbrio cósmico. Portanto, os quatro pilares do conhecimento humano, que separados geraram desarmonia, juntos mostrarão o caminho da harmonia. Esse é o Caminho da Síntese. Começemos por analisar a Ciência:

Na Medicina tradicional Chinesa, toda doença é sinal de desequilíbrio entre o Yin e o Yang. O equilíbrio do



corpo é mantido através do fluxo equilibrado do Qi (ch'i), dentro dos meridianos, e os pontos de Acupuntura servem para tratar estes desequilíbrios. Também são utilizadas técnicas de meditação, como o Tai Chi Chuan, Liang Gong, Chi Kun, e massagens, como Tui Na e Do in, sendo fontes de terapia, e a Fitoterapia ainda é o principal recurso de tratamento das doenças mais comuns na China. A Medicina curativa na China é considerada a falência da Medicina Preventiva, uma derrota do médico.

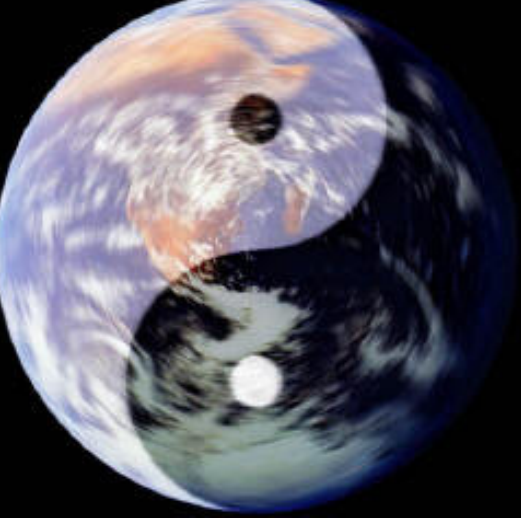
Enfim, a Fitoterapia, Dietoterapia, Meditação e Acupuntura são os principais recursos utilizados pela sociedade chinesa há milhares de anos, e ao contrário do que, talvez, poderíamos esperar, ela está cada dia mais numerosa e influente.

Então, se tal conhecimento permitiu a sobrevivência e a manutenção dessa

sociedade, onde o conhecimento ocidental chegou há bem menos que 70 anos, o que nos pode ensinar essa cultura fabulosa? Por que nos desenvolvemos em um polo tão oposto? Estaríamos aí, também, confirmando a teoria do Yin e Yang?

Vejamos o que ocorreu conosco: Até pouco tempo atrás, o conhecimento humano era unificado e integrado à vida prática. Arte, Ciência, Filosofia e Religião eram os pilares de um conhecimento único, confundindo-se, misturando-se, sem cisões ou limites rígidos, e bem definidos. Basta estudarmos algumas culturas antigas, para descobrirmos que indígenas, hindus e até mesmo os orientais tinham uma visão mais ampla da





vida. Para eles, tudo era interdependente, como uma rede de relações. Até aí, tudo igual. E então, a partir do Iluminismo, a Ciência deixou, gradativamente, de ser Arte, e também Filosofia, e, principalmente, Religião. O conhecimento tornou-se fragmentado, como disse Descartes.

A Medicina, considerada a arte de curar, sacerdócio de abnegação e caridade, rompeu bruscamente com a Sabedoria Antiga, dando início a uma era de experimentação científica e tecnológica, relegando ao descaso tudo o que já se havia falado e praticado. Olha-se, agora, para um corpo doente, buscando culpados e soluções rápidas e fáceis para eles. Primeiro, os miasmas, depois, as bactérias, fungos, vírus e agentes externos. Agora, a genética determinista é irremediável. A interação entre a genética, o meio e o sistema imunológico formam a teoria de adoecimento mais aceita atualmente. Surge, então, a indústria farmacêutica: poderosa e milionária, capaz de convencer a todos que para qualquer coisa há uma pílula milagrosa, que curará sem grandes dificuldades e sem exigir grandes sacrifícios. Fácil, cômodo e banal.

A Medicina passou, então, a cuidar da doença, e não do doente. O médico, que antes representava papel de profundo respeito e confiança, passou a ser visto como frio, calculista, e até cruel... Incapaz de sequer ouvir o paciente, com tempo reduzido ao insuficiente para sua consulta, irritado com o excesso de trabalho, e má remuneração, destruiu, voluntária ou involuntariamente, a sagrada relação médico-paciente. E a Arte, a Filosofia, a Religião? A grande maioria dos médicos sequer tem a coragem de abordar tais assuntos, e se vêem constrangidos ao falar de fé em seus consultórios, como se fosse assunto proibido pelo decreto Placebo.

O que ocorreu, então?

Esqueceram-se que a Medicina tem aproximadamente 250 mil anos, o mesmo tempo em que o Homo Sapiens surgiu na Terra, e que a Ciência praticada hoje no ocidente, tem apenas 300 anos...

A Medicina sempre foi praticada, seja por pajés, sacerdotes, feiticeiros, filósofos, curiosos que se dedicavam ao aprendizado, e, apesar disso, em toda sua história, ela usufruiu de grande prestígio e respeito. Um misto de temor e admiração acompanhava aqueles que se aventuravam no aprendizado dessa Arte.

Quais interesses são tão fortes assim, capazes de inverter uma história tão bela e magnífica como a da Medicina? Apenas um: Dinheiro. Ainda as 30 moedas de prata que compraram o solo de sangue...

Tudo parece perdido? Não. É apenas a força portentosa do Tao em ação!

Novamente, o Tao se mostra, fazendo brotar, por todos os lados, novas correntes de pensamento, que começam a invadir os meios universitários, despertando a curiosidade e o interesse de renomados professores. A Acupuntura

e Homeopatia são apenas os mais importantes e magníficos exemplos de técnicas que anteriormente eram desprezadas, e que, agora, adquiriram respeito e reconhecimento das entidades médicas e da sociedade. A Fitoterapia, embora sempre perseguida pela indústria farmacêutica, insiste em permanecer na cultura de todos os povos, e a suscitar curiosidade e pesquisas da própria indústria... Ainda bem!

Ainda que diferentes, a Medicina Ocidental e a Medicina Oriental mostraram na teoria do Tao, serem polos de um mesmo caminho. Parecem incompatíveis? Isso é mera ilusão! Próton e elétron, embora com cargas elétricas diferentes, juntas formam um átomo. Um sem o outro são apenas partículas dispersas no Universo do microcosmo.

## ERVAS NA UMBANDA -

### YEMANJÁ

- Por Mestra Obaositala

(Jociane - Iniciada de Mestre Ygbere)

#### Panacea

**Nome científico:** *Solanum cernuum* – Velloso.

**Família:** solanáceas.

**Sinonímia botânica e espécies**

**afins:** Azogue de pobre.

**Nomes populares:** panacea, braço-de-preguiça, bolsa-de-pastor, velame-do-mato, capoeira-branca, barba-de-são-pedro, erva-carneira.

Origem: Sul e Sudeste do Brasil.

Mito: **Panacea** (gr. Πανάκεια)

**Παν-** [pan-] *pref.* Indica os conceitos de «totalidade, tudo, todo»

**ἄκω** [akeō] *v.* Curar.

O conceito do verbo “curar” poderá derivar de:

**ἄ-** [a-] *pref.* Indica negação ou ausência.

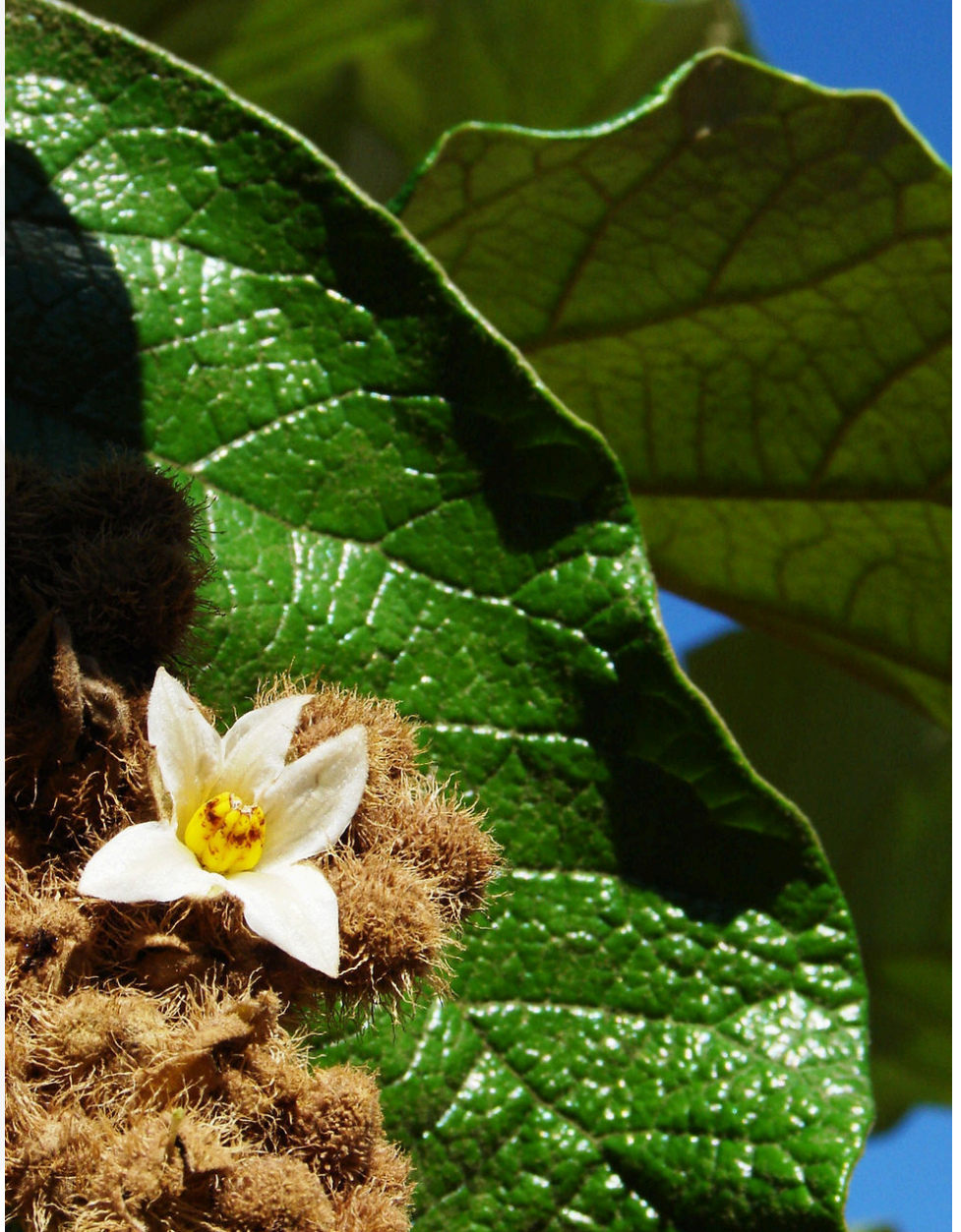
**κείω, κέω** [keio, keō] *v.* Fender.

(ou seja, acabar com a rutura, repor a integridade)

Portanto, em grego, Panacea é a Deusa Grega que cura todos os males. É filha de Esculápio (Deus da Medicina) e irmã de Hygea (Deusa da Saúde e Higiene) e Iaso (deusa dos remédios). Durante o Juramento de Hipócrates (discípulo de Esculápio), e durante a Formatura de Medicina, os novos médicos dizem: **“Eu juro, por Apolo, médico, por Esculápio, Hygea e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo o meu poder e a minha razão...”**”.

No dicionário da Língua Portuguesa:

Panacea *s. f.* 1. Remédio para todos os males, físicos ou morais. 2. Aquilo que se crê que



é a solução quase milagrosa para todos os problemas, que resolve tudo.

3. Planta que se pensava ser eficaz para curar todas as doenças. 4. Farm. Preparação medicinal, usada antigamente e constituída essencialmente por espécies de origem vegetal.

#### Uso:

Na Umbanda Esotérica/Iniciática, a Panacea é a erva sagrada de Yemanjá. Esta erva recebe diretamente as influências lunares, assim como a Pariparoba, folhas e flores de Rosa Branca, folhas de Avenca, folhas e flores de Violeta, Picão-do-mato, Arruda fêmea (colhida à noite), Manacá e Quitoco. Elas podem ser usadas para banhos de elevação (litúrgicos), banhos de desimpregnação (descarga), banhos de

fixação (ritualístico) e defumações. As essências sagradas que mais se harmonizam com Yemanjá, são: verbena, açucena e rosa.

Ainda na Umbanda Esotérica, Woodrow da Matta e Silva (Mestre Yapacani) define como ervas lunares: Unha de Vaca, Picão do Mato, folhas de Lágrimas de Nossa Senhora, Erva Quaresma, folhas de Abóbora d'água, Mastruço, folhas de Trevo, Chapéu de Couro, Açucena, Rosa Branca (folhas), Pariparoba, Erva de Santa Bárbara e Oriri de Mamãe Oxum.

No Candomblé, a Panacea pertence a Xangô e Obaluayê. Ela entra nas obrigações de Ori e nos

banhos de descarrego ou limpeza.

Na medicina popular, basicamente a Panaceia é utilizada para problemas renais, pois possui ação diurética (cálculo renal e infecção urinária). Como apresenta uma ação depurativa, pode ser empregada para uma série de doenças, como úlceras cutâneas, doenças de pele, urticária e eczemas.

Antigamente, também era muito utilizada no caso de doenças venéreas, e até mesmo no tratamento da gonorreia e hiperplasia da próstata. Ainda hoje é empregada para reumatismo, distúrbios uterinos e como calmante para doenças cardíacas e psiquiátricas (ansiedade). Ela também possui ação de desobstruir o fígado, facilitando os processos digestivos (infusões/decoção), além de possuir ação hemostática (raízes).

Antigamente, pegavam suas folhas, davam uma leve tostada no forno à lenha e preparavam um chá, que diziam que era muito saboroso, para ansiosos com queixas de palpitação. Provavelmente, pelo fato de ser aquecida, seus óleos evaporavam e o sabor do chá ficava bem melhor.

Provavelmente, devido a tantas ações, as pessoas acabaram dizendo que a Panaceia serve para tudo.

Enfim, Yemanjá é próspera e abundante em suas ervas e possibilidades. Vale a pena dedicar-se a estudar essas ervas, seus fundamentos e utilidade.



# AUMBANDAN – UM AMBULATÓRIO PARA A ALMA

- por Khauman

(Alexandre - Iniciado de Mestre Ygbere)

Irmãos de fé, Saravá!  
Que as bênçãos dos Orixás,  
Guias e Protetores possam nos  
trazer luz na mente, paz no  
coração e saúde para nosso  
corpo físico.

Muitas pessoas procuram os  
templos das religiões afro-  
brasileiras por este Brasil afora,  
para poderem, de uma certa  
forma, apaziguar as dores e  
sofrimentos que lhe incomodam  
à alma.

É bem certo dizer que os  
templos, terreiros, choças,  
choupanas, e etc., são  
verdadeiros ambulatórios para as  
almas.

O mundo é plural, e dentro dessa  
diversidade de opiniões e  
sentimentos, não é difícil  
entender que a verdade de algo  
é momentânea, e que essa  
verdade acaba sendo mutável.  
Sendo assim, o mundo espiritual  
se adapta a tudo que acontece  
aqui no plano físico denso, para  
que as humanas criaturas  
possam expressar seus desejos  
e vontades, fazendo, assim, com  
que seu corpo físico funcione  
como um filtro manifestante de  
tudo aquilo que o ser espiritual  
precisa, para gastar os vícios de  
personalidade, os quais o  
prendem à roda da encarnação.

O que é personalidade?  
É o conjunto de características  
que definem a forma como uma  
pessoa pensa, sente e age, ou  
seja, o que determina a  
individualidade de cada pessoa.

Partindo do entendimento da  
personalidade, podemos dizer que  
todos os seres espirituais são um  
conjunto de pensamentos, sentimentos  
e ações.

Sim, todos nós pensamos, sentimos e  
agimos, contudo, nem sempre temos  
nossas ações, pensamentos e  
sentimentos ajustados e harmonizados  
como devem ser. Talvez seja uma  
utopia achar que podemos estar, de  
alguma forma, harmonizados com os  
mundos natural e sobrenatural.

Podemos, sim, nos harmonizar com as  
coisas da matéria e do espírito! Porém,  
precisamos entender que o ser  
espiritual encarnado é trino, pois sente,  
pensa e age. De uma certa forma, a  
desarmonia do ser espiritual está em  
um desses campos da personalidade,  
que faz com que o ser espiritual perca  
o rumo e o prumo.

A perda do equilíbrio se dá pela falta de  
pensamentos e sentimentos  
harmonizados, trazendo desequilíbrio  
para o corpo físico, e fazendo com que  
a pessoa tenha problemas de ordem  
mental, por falta de concentração ou  
foco, problemas afetivos, de  
relacionamentos, sociopatias e  
problemas de saúde vários.  
Quando o ser humano-espiritual está  
desequilibrado e não encontra, na  
ciência

terrena, a cura para seu  
sofrimento, acaba indo em busca  
daquilo que é sobrenatural, e  
geralmente encontra em casas  
espirituais o conforto e o remédio  
que sua alma necessita, para  
entrar novamente em equilíbrio.

Os desequilíbrios, ora  
recorrentes nos seres espirituais,  
são devidos às baixas  
frequências vibratórias. O que  
isso quer dizer? Quer dizer que a  
desarmonia do ser espiritual com  
sua própria essência, o faz  
perder o rumo e o prumo,  
trazendo dores e sofrimentos à  
alma, muitas vezes por falta de  
atitudes condizentes no pensar,  
sentir e agir, pois pensamentos e  
sentimentos bons trazem  
harmonia.

Então, temos que ser santos?  
Não, não e não! Temos que ter  
prudência, lógica e razão no que  
desejamos e almejamos para  
nossas vidas, sem invadir o  
espaço alheio, respeitando tudo  
e todos de forma coerente.

O que quer dizer com isso? Que  
somos, então, livres para  
escolher como desejamos ser?  
Sim, somos! E é aí que está a  
chave para se bem viver...



A felicidade se encontra naquilo que lhe preenche à alma, talvez em coisas simples ou mais elaboradas, dependendo do que cada um sente e deseja. Portanto, o autoconhecimento lhe trará respostas para suas dúvidas, quanto ao ser e não ser das coisas, sendo primordial entender que cada um de nós tem aquilo que precisa para ser feliz. Muitas vezes, o desequilíbrio acontece devido ao não saber desejar, e não entender que, às vezes, o próprio sofrimento é o remédio que lhe trará a cura para sua personalidade.

Os templos, terreiros, choças, choupanas e etc., agem em nós, seres espirituais, para que possamos aumentar a nossa frequência vibratória, ou seja, para que nos re-liguemos novamente com a nossa essência. Ao nos conectarmos novamente com essa essência, voltamos a reorganizar os pensamentos, sentimentos e ações, no sentido de ter clareza de pensamentos e fluidez nos sentimentos e ações, para que se encontre a felicidade perdida. Sim, perdemos a felicidade por nossos atos impensados e não sentidos...

Quando Crianças, Caboclos e Caboclas, Pretos e Pretas Velhas, Exus guardiões e Pai e Mãe de Santo nos pedem para fazer determinados banhos, determinadas oferendas, talismãs, mantras e etc., são remédios dados à nós, para aumentar as frequências vibratórias, e conseguirmos entrar novamente em contato com a nossa essência. Que essência é essa? São os próprios Orixás!

Para seguir adiante, vamos entender a palavra Orixá.

Ori – Cabeça

Xá – Senhor

Tradução: Senhor da Cabeça.

Sim, todos nós, seres espirituais, nascemos em um determinado dia, e em um determinado mês, sendo que cada um de nós está debaixo de uma vibratória/essência de uma das divindades abaixo, por nós cultuadas, das religiões afro-brasileiras: Orixalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Yori, Yorimá e Yemanjá.

A tabela abaixo, mostra os signos relacionados com as datas de nascimento:

<b>ÁRIES</b>	21 de março a 20 de abril
<b>TOURO</b>	21 de abril a 20 de maio
<b>GÊMEOS</b>	21 de maio a 20 de junho
<b>CÂNCER</b>	21 de junho a 21 de julho
<b>LEÃO</b>	22 de julho a 22 de agosto
<b>VIRGEM</b>	23 de agosto a 22 de setembro
<b>LIBRA</b>	23 de setembro a 22 de outubro
<b>ESCORPIÃO</b>	23 de outubro a 21 de novembro
<b>SAGITÁRIO</b>	22 de novembro a 21 de dezembro
<b>CAPRICÓRNIO</b>	22 de dezembro a 20 de janeiro
<b>AQUÁRIO</b>	21 de janeiro a 19 de fevereiro
<b>PEIXES</b>	20 de fevereiro a 20 de março

A tabela abaixo, demonstra os signos relacionados aos Orixás, dia da semana, cor, elemento e ponto cardeal:


VIBRAÇÃO ORIGINAL	SIGNO	DIA DA SEMANA	COR VIBRATÓRIA	ELEMENTAL	PONTO CARDEAL
ORIXALÁ	LEÃO	DOMINGO	BRANCO	FOGO	SUL
OGUM	ÁRIES	3ª-FEIRA	ALARANJADO	FOGO	SUL
	ESCORPIÃO			ÁGUA	OESTE
OXOSSI	TOURO	6ª-FEIRA	AZUL	TERRA	NORTE
	LIBRA			AR	LESTE
XANGÔ	SAGITÁRIO	5ª-FEIRA	VERDE	FOGO	SUL
	PEIXES			ÁGUA	OESTE
YORIMÁ	CAPRICÓRNIO	SÁBADO	LILÁS	TERRA	NORTE
	AQUÁRIO			AR	LESTE
YORI	GÊMEOS	4ª-FEIRA	VERMELHO	AR	LESTE
	VIRGEM			TERRA	NORTE
YEMANJÁ	CÂNCER	2ª-FEIRA	AMARELO	ÁGUA	OESTE

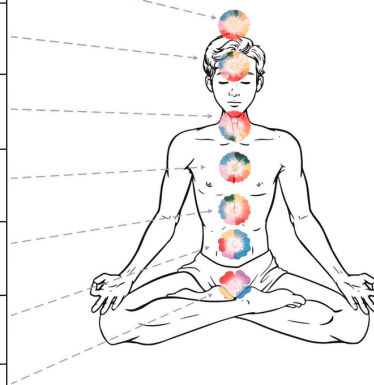


Já na tabela abaixo, temos a definição de cada energia que cada Orixá movimenta:

Orixá	Energia Vibrátil	Elemento Equivalente	Geometria Sagrada do Elemento
Oxalá	Senhor Primaz da Energia Espiritual	Energia Mental Masculina	⊕
Ogum	Senhor Primaz da Força Sutil Hídrica Senhor Secundário da Força Sutil Ígnea Senhor Terciário da Força Sutil Telúrica Senhor Quaternário da Força Sutil Aérea	Água – Hidrogênio Fogo – Oxigênio Terra – Carbono Ar – Nitrogênio	◐
Oxóssi	Senhor Primaz da Força Sutil Aérea Senhor Secundário da Força Sutil Telúrica Senhor Terciário da Força Sutil Ígnea Senhor Quaternário da Força Sutil Hídrica	Ar – Nitrogênio Terra – Carbono Fogo – Oxigênio Água – Hidrogênio	⊙
Xangô	Senhor Primaz da Força Sutil Ígnea Senhor Secundário da Força Sutil Hídrica Senhor Terciário da Força Sutil Aérea Senhor Quaternário da Força Sutil Telúrica	Fogo – Oxigênio Água – Hidrogênio Ar – Nitrogênio Terra – Carbono	△
Yorimá	Senhor Primaz da Força Sutil Telúrica Senhor Secundário da Força Sutil Aérea Senhor Terciário da Força Sutil Hídrica Senhor Quaternário da Força Sutil Ígnea	Terra – Carbono Ar – Nitrogênio Água – Hidrogênio Fogo – Oxigênio	⊞
Yori	Senhor Primaz das Energias Vitais (Éteres)	Energia Etérica	⊕
Yemanjá	Senhora Primaz da Energia Natural	Energia Mental Feminina	⊕

Após apresentar a relação de cada Orixá com os signos, e sua atuação no mundo das formas, relacionamos os Orixás com os chakras no corpo físico:

Chakra	Orixá ou Vibração Regente	Representação Simbólica
Coronário	Oxalá	
Frontal	Yemanjá	
Laríngeo	Yori	
Cardíaco	Xangô	
Solear	Ogum	
Esplênico	Oxóssi	
Sexual ou Genésico	Yorimá	



A tabela abaixo, descreve a característica que cada Orixá tem:

Chakra	Contraparte Física	Características
Coronário (Sahasrara)	Glândula Pineal (Epífise)	— Sua <b>energia</b> é a Essência Divina. — Seu <b>atributo</b> é a Fortaleza. — Sua <b>atividade</b> : em estado positivo, gera a paciência; em estado negativo, gera a ira.
Frontal (Ajna)	Glândula Pituitária (Hipófise)	— Sua <b>energia</b> é o Poder Oculto da Palavra. — Seu <b>atributo</b> é o Respeito. — Sua <b>atividade</b> : em estado positivo, gera a firmeza; em estado negativo, gera a leviandade.
Laríngeo (Vishuddha)	Glândula Tireóide	— Sua <b>energia</b> é o Poder Supremo. — Seu <b>atributo</b> é o Entendimento. — Sua <b>atividade</b> : em estado positivo, gera a esperança; em estado negativo, gera o receio.
Cardíaco (Anahata)	Glândula Timo Coração: Nó Sinusal e Atrioventricular	— Sua <b>energia</b> é o Poder do Conhecimento. — Seu <b>atributo</b> é a Sabedoria. — Sua <b>atividade</b> : em estado positivo, gera a humildade; em estado negativo, gera a soberba.

Solear (Svadhithana)	Fígado e Pâncreas	<p>— Sua <b>energia</b> é o Poder do Pensamento Criador.</p> <p>— Seu <b>atributo</b> é a Justiça.</p> <p>— Sua <b>atividade</b>: em estado positivo, gera a generosidade; em estado negativo, gera o egoísmo.</p>
Esplênico (Manipura)	Rins, Glândulas Supra-renais e Baço	<p>— Sua <b>energia</b> é o Poder da Vontade.</p> <p>— Seu <b>atributo</b> é o Conselho.</p> <p>— Sua <b>atividade</b>: em estado positivo, gera a prudência; em estado negativo, gera o arrebatamento.</p>
Genésico (Muladhara)	Gônadas: Útero, Ovários, Próstata e Testículos	<p>— Sua <b>energia</b> é o Fogo Serpentino Regenerador (<i>Kundalini</i>).</p> <p>— Seu <b>atributo</b> é a Pureza.</p> <p>— Sua <b>atividade</b>: em estado positivo, gera a castidade; em estado negativo, gera a luxúria.</p>

Após apresentar as tabelas acima, compreende-se que cada ser espiritual está ligado a uma essência e a uma determinada vibratória, ou seja, a um determinado Orixá.

Cada Vibratória/Essência, tem seu aspecto positivo e negativo, como podemos observar na tabela acima, o que demonstra que a desarmonia ou a má conexão do ser espiritual com seu Orixá, lhe trará dificuldades nos campos mental, astral e físico, ou seja, nos pensamentos, sentimentos e ações.

Por isso, devemos entender que os templos, terreiros, choças, choupanas e etc., são ambulatórios para as almas, que penam e sofrem nas encruzilhadas da vida e do mundo, por falta de entendimento e desarmonia com sua própria essência, pelos maus pensamentos, sentimentos e ações, causando sofrimentos vários.

O leitor atento pode se perguntar: E aqueles seres espirituais que já nasceram com determinada doença? O que fizeram na presente vida, para passar por esta ou aquela mazela?

Respondo: O que é feito em vidas passadas pelo ser espiritual, ecoa no futuro. Nesse caso, o corpo físico passa a ser um filtro para trazer a cura.

Vejamos o exemplo do cientista Stephen Hawking: A sua condição física não era a mais privilegiada, já que sofria com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) - uma doença degenerativa do sistema nervoso, contudo, não o impediu de fazer o seu trabalho, trazendo conhecimento à humanidade, através de suas pesquisas sobre os buracos negros.

Alguns podem se perguntar o porquê Stephen Hawking teve que conviver com sua doença. Penso que, talvez, tenha tido um propósito de manter o foco em seu trabalho, para que conseguisse terminá-lo. Nessa suposição, teríamos como analogia a afirmação de que “sua doença foi a cura, para que conseguisse cumprir aquilo que deveria trazer ao mundo das formas, em termos de conhecimento à humanidade”.

O AUMBANDAN, através da Doutrina do Tríplice Caminho, trará o *relegare* do ser espiritual com sua essência, através dos Senhores do Início, do Meio e do Fim, que são conhecidos nas Umbandas como Crianças, Caboclos e Caboclas, Pretos e Pretas Velhas. Em suas consultas à nós, humanas criaturas, eles sabem o que precisamos para nos

conectarmos aos Orixás, com o intuito de nos trazer equilíbrio, harmonia e felicidade às nossas vidas, de forma simples e objetiva, através de banhos de ervas ou essências, defumações, trabalhos em matas, rios, cachoeiras e praias (sítios sagrados), visando reequilibrar o ser espiritual, possibilitando uma re-conexão com o mundo sobrenatural e natural, para que tenha força e paz na presente encarnação.

Portanto, ao entrar em templos, terreiros, choças, choupanas, e etc., pense no que pedir e como pedir, porque tudo o que desejamos e almejamos irá gerar vibrações, e essas vibrações vão gerar ondas, e essas ondas vão vibrar sobre nós mesmos e sobre os outros, afins ou não.

A boa palavra, o bem querer e o bem sentir, traz curas a todos nós, por estarmos vibrando positivamente. Desejar o bem, atrai o bem. Então, busquemos nos aprimorar e entrar em positividade, para que não percamos a conexão com a nossa essência. Para se viver bem, não é necessário muito, basta se entender e entender o meio em que vive, e saber lidar com as pressões internas e externas, assim, somente assim, poderá caminhar rumo ao encontro de si mesmo, para que evolua e cresça como ser espiritual.

Que as luzes da Aruanda, através de Orixás, Guias e Protetores, possam abençoar a todos, possibilitando o encontro com a nossa própria essência, para que consigamos navegar em águas mais calmas, e encontrarmos verdadeiramente o amor e a sabedoria, de encontro à PROTO-SÍNTESE CÓSMICA. Saravá!



## SUFISMO: SURGIMENTO, FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

- por Yashiman

(Vitor Gueogjian - discípulo de Mestre Ygberê)

Os estudiosos orientais discutem sobre a origem do Sufismo. Em muitos casos, associam a Vedanta da Índia, ao Zoroastrismo e ao Neoplatonismo, cada um com suas influências na distinção de temas sobre realidade divina e ilusão. A Vedanta da Índia distingue a realidade divina (Brahman) e o “eu” que faz parte do todo (Atman) com a ilusão que encobre a realidade (Maya). O Zoroastrismo, religião fundada pelo profeta Zaratrusta na antiga Pérsia, se fundamenta no

dualismo ético entre o bem e o mal, na pureza e proteção da natureza e na vida após a morte. O Neoplatonismo é a corrente filosófica fundada por Plotino no século III d.C., que explorava conceitos metafísicos e espirituais com uma visão mística e complexa da realidade. No entanto, não há certeza sobre a origem da religião que se possa sustentar.

A palavra Sufismo encontra origem etimológica no termo “çuf”, que significa lã, tecido que constituía a túnica utilizada pelos seus adeptos, como símbolo de desprendimento do mundo material e renúncia ou desapego às ilusões. “O sufi usa lã por cima da sua pureza, tiraniza os seus desejos, e, tendo rejeitado o mundo, avança na via do Profeta”, menciona um antigo tratado sobre o Sufismo.

A importância da leitura meditativa do Alcorão é característica marcante no Sufismo. Este livro sagrado possui uma linguagem poética e mágica, de modo que desperta diversas emoções e sensações à alma do leitor, que transcendem o texto literal, para a busca de elevação e iluminação espiritual. Os sufis falam na possibilidade de atingir 7 ou 70 interpretações possíveis da sua leitura. Por ser escrito em árabe, língua litúrgica por excelência, fazendo exsurgir o conceito de interpretação espiritual, mencionado pelo Mestre espiritual Jalalod-Din Rûmi.

Nesse sentido, os Mestres dos



Sufismo ensinam que tudo é Sinal de Deus para quem sabe ver, aos que tem os olhos purificados na descrição de Rûmi: “Se tu bebas, sedento, água numa taça, é Deus que tu contempas no seio da água. Quem não estiver enamorado de Deus não vê na água senão a sua própria imagem”. O amor ao Divino, que habita também cada ser interior, deve ser a busca incessante da alma: morrer em si mesmo para viver em Deus.

Os caminhos para o encontro do divino são diversos, chamados de “vias” (em árabe: tariqa) e possui dois aspectos místicos: o primeiro relacionado a conhecimentos e leituras de ordem moral, para guiar a vocação individual a cada Discípulo, e o segundo relacionado a práticas e rituais de preparação espiritual. Seja de uma forma ou de outra, o caminho, senda ou via,

possui ponto de convergência fundamental na figura de um Mestre (Pir, em persa e Murshid em árabe).

É o Mestre quem irá guiar o Discípulo pelo caminho adequado, porque ele é a linha que descende diretamente do Profeta.

Assim, o laço entre Mestre e Discípulo é bem estreito, por representar a transmissão iniciática de um influxo divino (baraka – benção ou graça dividida em árabe), de que ele representa no mundo para o Discípulo. Portanto, o Mestre detém o conhecimento das três fases da vida mística: a Lei, a Via e a Verdade. Essa iniciação é transmitida pelo Mestre pela investidura: ele coloca a mão na cabeça do Discípulo e entrega a khirqa (em árabe, significa manto), a túnica de burel, quando o Mestre sabe que o Discípulo é digno de progredir na Via. Trata-se do segundo nascimento do Discípulo: o nascimento espiritual.

Os Mestres transmitem, ao longo dos séculos, o influxo divino do Criador, tal qual na Umbanda Esotérica/Iniciática, os Mestres de linhagem transmitem para os seus Discípulos o Axé, ou seja, o poder realizador. No Sufismo, assim como na Umbanda do Tríplice Caminho, os Discípulos amam seu Mestre e uns aos outros, e reafirmam o laço entre eles, celebrado no mundo espiritual. Isso torna toda a coletividade Umbandista e Sufista uma unidade indivisível, em que os recém-chegados se sentem espiritualmente unidos aos mais avançados.



## A MÚSICA NA DOCTRINA DE SÍNTESE: UMA VISÃO UNICISTA

- por Yanashia

(Datevig Artinian - discípula de Mestre Ygbere)

Na senda das artes cênicas, o desenvolvimento do artista requer habilidades, conceitos e metodologias que expressam não só o domínio do instrumento, mas, também, a capacidade de realizar atividades profissionais de forma elevada e significativa.

Os artistas que se entregam de forma plena e diligente à vida no palco são capazes de interpretar e dar vida à música de várias eras, tanto como solistas, quanto como integrantes de um conjunto ou orquestra. Compreendem profundamente os meios de expressão e as técnicas que marcam diferentes períodos históricos, aplicando-os em sua prática diária e honrando, com maestria, a essência de cada obra.

As abordagens metodológicas nas artes cênicas variam conforme as escolas seguidas, mas, sempre dialogam com os desafios do que chamamos de “vida de palco”.

Seguindo a trilha do gênio Leibniz, aprendemos que a mente humana opera em três âmbitos centrais: ética, lógica e emoção. Ao trazer essa compreensão para o campo das artes, encontramos três abordagens práticas que guiam aqueles que se dedicam ao ofício sagrado da performance:

A abordagem mecânica é o primeiro nível, onde se desvela o “manual” das artes cênicas,



definindo postura, tônus muscular e a coordenação dos sistemas corporais. É aqui que o corpo se prepara como um instrumento físico, alinhando-se para a expressão.

A abordagem estrutural envolve o entendimento das modulações lógicas que conduzem a peça em seu desenvolvimento melódico, harmônico e/ou polifônico. Nesta camada, o artista desvenda o arcabouço tonal e organiza os caminhos sonoros, construindo uma base sólida para a obra.

A abordagem estética desafia o intérprete a conduzir a melodia por seus altos e baixos, e a explorar suas nuances e coloridos. Aqui, o músico é o pintor que trabalha com as sombras, o compositor que encontra os tons entre as notas, moldando a natureza sutil da melodia e revelando suas complexidades.

A abordagem total ou espiritual, transcende os níveis anteriores e revela uma performance em que não é o artista quem guia a obra, mas o espírito que a conduz. Este é o estado além do corpo e da mente, onde o fluxo se manifesta, onde o timbre absoluto emerge e o ciclo da vibração sonora se perpetua, mesmo quando já fora dos ouvidos. Esse estado, conhecido como “**fluxo**” ou “**estado de transcendência**”, ultrapassa os limites do físico e do mental, acessando

dimensões espirituais mais profundas, revelando o verdadeiro sentido de unidade, atemporalidade, e uma experiência além das fronteiras da autoconsciência.

Aqui, a arte torna-se uma expressão viva do sagrado, uma jornada mística onde o artista é tanto veículo quanto criador, encarnando a busca pela essência última da beleza e do divino que habita cada nota, cada silêncio, e cada instante da obra.



## **A INICIAÇÃO: A POLARIDADE DA VIDA E A DIALETICIDADE DO SER**

**- por Agbacyara**

(Carla Vieira - discípula de Mestre Ygbere)

Na premissa de que somos todos seres espirituais, originados do cosmo espiritual e momentaneamente habitantes do universo astral, interpenetrados em sua energia-massa, somos possuidores de corpos - mental, astral e físico - afins ao meio onde estamos.

A natureza vibratória do ser espiritual, no campo abstrato do cosmo espiritual, detém uma essência puramente dualista, que pode vibrar em dois polos: positivo e negativo, ativo e passivo. A polaridade vibracional que constitui o ser espiritual, quando transplantada para o universo

astral, nesta via de evolução karmica, pode ser definida também na forma dualista do eterno masculino e eterno feminino.

Do mesmo modo que a natureza vibratória do ser espiritual vibra em polos opostos, que se complementam e se sintonizam, formando um ser uno e completo em sua vibração-existência, no universo astral tudo é duplo, oposto, igual e desigual.

Tomemos como exemplo o calor e o frio, que são opostos, mas a diferença entre eles consiste simplesmente no grau de manifestação da temperatura. Onde começa o frio? Onde termina o calor? Podemos explorar inúmeros exemplos de aparentes conflitos de polaridade, até onde a nossa criatividade alcança.

Todos os paradoxos passam a ser compreendidos, se considerarmos que a tese e a antítese, o amor e o ódio, a luz e a obscuridade, são exemplos que exprimem a variação de uma mesma

natureza. Os extremos se tocam, como num círculo infinito em si mesmo, que se comprova mutuamente.

E, assim, o ser espiritual em sua individualidade, se auto-experimenta no universo astral, envolto numa constante destruição e renovação, transitando entre os polos da existência, pela misericórdia divina.

A transformação é uma constante do universo astral, e se opera no ser espiritual pela dialética: o passado e o presente, o nascer e morrer, o consciente e o subconsciente, e o enfrentamento das cargas magnéticas negativas acumuladas em várias existências. Desta maneira, o karma do ser espiritual não se extinguirá, mas será superado, dominado, se

tornando uma fonte valiosa de sabedoria, experiência e força.

A ligação do ser espiritual entre a sua essência divina e imaterial, e a sua condição astral e material, deve ser conciliada pela identificação dos opostos, pela unificação dos polos, mediante uma via-crúcis, percorrendo todos os graus de sua natureza.

A jornada da iniciação, para além do autoconhecimento pelo ser espiritual, se traduz, passo a passo, na busca pela síntese, pela unificação do seu passado e seu presente, pelo entendimento do grande círculo de sua essência dual, onde os opostos se encontram.

*Naquele instante-eternidade*

*Quando abri os olhos e vi o universo cintilar diante de mim*

*Me inebriei com o brilho de todas as ilusões*

*Que pouco a pouco se descortinaram*

*Pensei que podia, me perdi na energia e na matéria*

*Assim, dei o primeiro passo, nesse caminhar circular que há muito me prende*

*Às vezes consigo tocar sua essência, no intervalo entre o respirar*

*No silêncio do nada, onde habita o Espírito*

*De onde eu vim, e para onde eu, um dia, vou retornar.*



## O legado heterodoxo de F.

### Rivas Neto

- por Kaananty

(Guilherme Pontes - Iniciado de Mestre Ygbere)

A epígrafe de minha dissertação de mestrado traduz o modo de percepção / interação da realidade, que há muito me norteia, a partir da irresistível metanoia a qual fui inexplicavelmente subjugado:

*“Desde que iniciamos nossa produção literária, temos sentido o peso da oposição, mesmo dentro do próprio Movimento Umbandista. Acreditamos que tudo evolui, tudo precisa transformar-se e por que não a Umbanda? Afinal, o universo todo progride, caminha... É justo que nossa compreensão da Realidade também o faça. Preferimos ser heterodoxo (ter opinião diferente), especialmente em relação àqueles que se acomodaram no misoneísmo e fizeram de suas verdades os dogmas que lhes garantiram o conforto material. Longe, muito longe estamos da Realidade Absoluta, que é uma e não duas. O mínimo que podemos esperar daqueles que buscam a evolução espiritual é uma atitude aberta, não sectária, disposta a modificar-se em função do aprendizado. (RIVAS NETO, 2013, p. 11).”*

A referência a Francisco Rivas Neto não era por óbvio aleatória. Ao tempo em que legitimava o ímpeto revolucionário deflagrado a partir do coercitivo processo metanóico, igualmente confrontava percepções ortodoxas recalcitrantes que paradoxalmente opõem resistência

a transformações internas apoiadas nas obras de quem publicamente reconhecera que a única constante da umbanda é a contínua mudança.

Pois bem. Dentro do movimento religioso umbandista (como em qualquer um), é preciso mudar. Sem a oxigenação necessária a sucumbência seria inevitável.

Enquanto *homo religiosus, insider*, iniciado e teólogo que vivencia a tradição da umbanda esotérica em uma casa de àse herdeira do legado de Rivas Neto, entendo ser dever meu honrá-lo enquanto ancestral de nossa comunidade contribuindo com ações alinhadas com a percepção heterodoxa do fenômeno religioso que ele nos legou.

Já enquanto cientista da religião, acadêmico e pesquisador das espiritualidades e religiões originárias da África, bem como das brasileiras afro-diaspóricas, de igual modo, devo manter posicionamento adogmático, crítico, objetivo e distanciado de meu objeto de estudo, revisitando e confrontando o fenômeno religioso ao longo de minha pesquisa.

De modo que concorrem, assim, ambas as leituras subjetiva/religiosa/política e a objetiva/científica/eurística no enfrentamento de leituras ortodoxas e misoneístas ainda existentes no âmbito da umbanda esotérica.

Desgastante é opor-se à inflexão. Há um preço a se pagar por não se acomodar à inércia. Rivas Neto foi questionado por muitos, por defender e viver a mudança. À guisa de exemplo citarei apenas alguns momentos de releituras que resultaram em alguns confrontos com leituras ortodoxas que concebiam um verdadeiro ato de traição e sacrilégio mudar uma vírgula sequer do ‘nonateuco mattaesilviano’.

Brevíssima cronologia com apenas 6 das diversas releituras da umbanda esotérica empreendidas por F. Rivas Neto:

- Em 1986 baixa o caboclo 7 Espadas, risca uma pomba e crava 3 punhais, dizendo que a partir daquele momento iria trazer (e trouxe), novos ensinamentos. Novos ritos foram implementados. As mudanças causaram desconforto em muitos;
- No ano seguinte ao desencarne de W. W. Da Matta e Silva, F. Rivas Neto publica a obra *Umbanda – A Proto-Síntese Cósmica*, Livraria Freitas Bastos Editora, 1989, a qual trazia novos ensinamentos e, por isso, igualmente suscitou em muitos adeptos da ortodoxia arroubos e acusações de traição ao que chamam de a “pura raiz de Guiné”;
- Em 1993 foram publicadas 2 obras que trouxeram importantes releituras da narrativa mítica da umbanda esotérica: primeiro a declaração de que Exu também era um Orixá, com a obra: *Exu – O Grande Arcano*, Ícone Editora, 1993. Ele era o Orixá Telúrico. Mas não só Exu é reconhecido Orixá na umbanda esotérica, mas além dele 7 Orixás também são expressamente reconhecidos (Oduduwa, Oba, Ossaim, Oya, Nanã Buruku, Oxum e Oxumarê), com a apresentação do conceito de par vibratório na obra *Umbanda – O Arcano dos 7*

- Orixás, Ícone Editora, 1993. Estas releituras provocaram inconformismos em vários. Não só se quebrou o paradigma do setenário (7 Orixás), bem como elevou-se Exu de um espírito serviçal das entidades da corrente astral de umbanda, ao status hierárquico de potestas: Òriṣà. De modo que a umbanda esotérica proposta por F. Rivas Neto passou de 7 a 16 Orixás objeto de culto [(7x2)+2];
- (1996) os ensinamentos introduzidos há uma década com o caboclo 7 Espadas são compilados e dão corpo a uma releitura da umbanda esotérica nomeada umbanda iniciática, a qual é publicizada por meio da obra Fundamentos Herméticos de Umbanda, Ícone Editora, 1996. Nela, as narrativas míticas da umbanda esotérica são profundamente relidas, se destacando - com especial ênfase, a partir do emprego do conceito de ideoplastia -, a defesa de novas formas de apresentação dos espíritos ancestrais objeto de culto, que deixam de ser caboclos (vermelhos indígenas ameríndios) para se tornarem mestres da doutrina tântrica, e pretos-velhos (negros africanos e afro-descendentes) para se tornarem mestres da doutrina tântrica. Surge um novo corpus fenomênico cognominado por tríplice caminho uno;

- (2000) foram introduzidos ritos diários nos terreiros dirigidos por F. Rivas Neto que expressavam novas formas de vivenciar a umbanda diferentes a cada dia da semana. A mudança diária de vivências ritualísticas causou uma enxurrada de novas críticas dos avessos a mudanças; e
- (2003) Rivas Neto inova mais uma vez e abre uma instituição de ensino superior dentro de um terreiro de umbanda. Surge a Faculdade de Teologia de Umbanda (FTU) e a religiosidade é obrigada a coabitar com a produção de conhecimento científico. Obviamente, em consequência novas tensões surgem a partir desta mudança

Com seu espírito incansável de inovação, nos anos seguintes, Rivas Neto iniciou um diálogo e vivência religiosa com outras tradições, tais como: encantarias, candomblés de caboclo, candomblés jeje-nagô e a tradição africana de *Òrúnmilà-Ifá*. Este último, reconhecido também enquanto *Òriṣà*. Ou seja: a partir de mais uma releitura, a umbanda esotérica vivenciada por Rivas reconhecia 17 orixás, sendo que Rivas Neto conferiu especial atenção ao culto a este *Òriṣà* nos últimos anos de sua vida.

Essas últimas releituras fizeram com que Rivas Neto passasse a ser questionado não só dentro da umbanda, mas também fora dela. Para alguns irmãos umbandistas, Rivas Neto teria traído a Umbanda ao abrir casa de outras tradições, a saber: candomblé de caboclo (Ilê Oka Sete Estradas) e candomblé jeje-nago (Ilê FunFun Àsè Awo Òso Ódgun). Para alguns irmãos do candomblé, Rivas Neto era umbandista, e não candomblecista, de modo que não

poderia ter aberto uma casa de candomblé. Em suma: o pensamento ortodoxo não se encontra no fenômeno religioso (o qual não existe de per si), mas no ser humano que a cria, alimenta e vivencia, independente da tradição a que pertença.

Ao longo da história quantas pessoas não 'tocaram' umbanda e candomblé? Me salta a memória, por exemplo, o caso de Pai Joãozinho da Goméia, o rei do candomblé, que tocava ambos. E, obviamente, foi ferozmente criticado. É bem verdade que no caso de Joãozinho as críticas não eram só por tocar os dois, mas vários motivos eram alegados à época, dentre eles que seu candomblé era misturado (teria elementos de nações distintas - ketu e congo-angola), haveria muita exposição do candomblé (sobretudo na mídia), por ele ser homossexual assumido etc. O tempo passou. Mas a aversão a mudanças e a diversidades não. Pensamentos conservadores estagnantes e hegemônicos invisibilizadores ainda são alimentados.

Enfim. Nada disso impediu que Rivas Neto continuasse promovendo mudanças e, com essa postura, nos inspirando e motivando a preservarmos a consciência da importância de estamos sempre em busca da expansão consciencial, até a sua passagem do *Àiyé* ao Orun naquele triste 25 de maio de 2018, aos 68 anos de idade, em fiel cumprimento à profecia do Exu da Capa Preta.

Em seu vídeo intitulado 'Fá norteia novos rumos do TUO', a partir dos 30'10", ao realizar uma corajosa autocrítica de sua jornada, Rivas Neto declarou:

[...] *Eu prefiro ficar com o meu babalawô Matta e Silva que disse para mim: meu filho, se eu pudesse eu reestruturava, eu reescrevia toda a minha obra. Faça você quando puder. E eu confesso para vocês que eu... mais uma vez, mea culpa, mea culpa, mea culpa, demorei para fazer isso. Mas dentro de mim gritou a minha tradição. A tradição que é de todos nós. A tradição do orixá que não pode ser sete (7). Eu tentei depois fazer uma adaptação com quatorze (14) e com os exus. Outros fizeram a mesma coisa, mas... me copiando. E, infelizmente, eu não fiz da melhor maneira e eles copiaram de uma maneira pior ainda. [...]* (Grifei)

E aos 32'05" prossegue dizendo:

[...] *O que nós estamos dizendo aqui é que Matta e Silva... quem leu a obra... não conhece Matta e Silva. Quem diz que está seguindo Matta e Silva pelo livro, está seguindo o livro. Matta e Silva não. Matta e Silva não era a obra. Nunca me falou nada da obra dele. Nada. Absolutamente nada. Aliás, ele me falou uma coisa algumas vezes: para a gente falar de animismo, nós precisamos mudar algumas coisas aqui. Por que a gente ensinou como incorpora Oxalá, como incorpora*

Ogum, como incorpora Xangô... por exemplo: como incorpora Xangô... **lá tinha um modelo. Um modelo de como incorpora? Incorporar é algo inato.** Não pode ser um modelo. Olha... Xangô incorpora assim... os fluidos vêm por aqui... e as pessoas até mimetizavam isso. O pior e mais bizarro, patético, era que eu vi algumas pessoas de Xangô dando 'Kaôô'!!!, dizendo que imitavam a cachoeira... que não tem som! Não tem som de kaô. Não tem o som de kaô. Então isso, **Matta e Silva, devo muito a ele, ele quis formar uma escola. Quantas pessoas, quantas pessoas cometeram erros crassos? E não tiveram a ombridade, nem em vida, nem em morte, de falarem isso? Ele, em vida, pediu para mim fazer isso que eu estou fazendo.** [...] (Grifei)

Apesar de o vídeo ter sido lamentavelmente removido após a passagem de Rivas Neto, e não estar mais disponível em seu canal no YouTube, ele se encontra devidamente salvo, caso alguém queira confirmar as transcrições acima, *ipsis litteris*.

De minha parte, *in memoriam et honorem* a Rivas Neto e seu legado revolucionário, buscarei contribuir para expurgar da umbanda esotérica o conservadorismo e reacionarismo, a inflexão e ortodoxia, insuflando-lhe o *animus vivendi*, o *pneuma* renovador e libertador que há de nos conduzir a uma umbanda esotérica aberta, inclusiva, coerente, ponderada, respeitosa e humana. Mudanças estas que, insisto, são naturais a todo movimento religioso, e que W. W. da Matta e Silva expressamente reconheceu em 1964 quando da publicação de Segredos da Magia de Umbanda e de Quimbanda:

*Porque a Corrente Astral de Umbanda, nessa 1ª Fase de Ação no Brasil e por dentro dessa coletividade chamada dos cultos afro-brasileiros, teve um objetivo e se apresentou assim: com "caboclos, pretos-velhos etc."; porém, na 2ª Fase de Ação, a se iniciar dentro de poucos anos, essa Corrente vai revelar novos aspectos... novos horizontes.*

Pretendo, assim, em observância a este princípio dinâmico vital, ao escrever sobre fenômenos religiosos em geral e sobre a umbanda esotérica em particular, poder de algum modo contribuir de modo atraumático com a promoção de releituras atualizadoras de suas linguagens constitutivas: simbólica, mítica, ritualística e doutrinária, por meio de uma linguagem que busque promover a união e a concórdia.

Saravá fraterno.

## A REVELAÇÃO NO MAR: O ENCONTRO COM O INVISÍVEL E O RESGATE DA FÉ

- por Kaabianan

(Nicolas Fraga - discípulo de Mestre Ygbere)

Para dar uma melhor ideia do que este texto irá apresentar, e para me fazer entender de maneira mais clara, é necessário uma breve explicação sobre a minha própria vida:

Sempre fui uma pessoa cética, de olhar racional e egoísta. Nada existia, além daquilo que eu via e ouvia. O que realmente existia era a ciência, e tudo que estava atrelado a este campo de estudo.

Deus, deuses, santos, religião, e tudo o que os cercava? Apenas uma maneira de controle de massa e/ou coisa, de pessoas longe da própria realidade. Quanta prepotência e arrogância! Mal sabia que quem estava fora da realidade era eu...

Com este breve relato, agora você sabe de onde eu vim.

No dia 14/09/2024, às 20:00, nós, da OITC, realizamos um rito na praia, onde o Mestre Ygbere conduziu seus filhos na construção de oferendas feitas, tanto para Yemanjá, quanto para nossas honrosas Pombagiras.

Em dado momento desse rito, Mestre Ygbere deixou seus filhos em suas funções de montar os preceitos, e se dirigiu em direção ao mar.

Nesse momento, eu, talvez por inocência ou curiosidade, fiquei observando nosso Mestre com seus pés na água, e me perguntando o que ele, em sua sabedoria e iluminação, estaria vendo e sentindo.

Nesse instante, senti algo crescendo em mim, algo que julgo ser muito maior do que eu mesmo. Com isso, fiz o que todos deveriam fazer em qualquer situação similar: Eu pedi e orei. Orei para o Sr. Arranca-Toco, Pai Tomé das Almas, e para a Criança que me acompanha (na época, não sabia seu nome), que continuassem a me acompanhar e nunca me abandonassem, pois sei que não sou uma pessoa iluminada, muito pelo contrário! Eu tenho mais defeitos do que qualidades... E pedi... pedi para que, se eu fosse merecedor de uma mínima fagulha de luz, e se me fosse permitido, gostaria de ver algo ou de sentir o que meu Mestre estava experimentando.

Foi, então, que eu vi: Ao lado do meu Mestre, vi dois seres.

Peço perdão a você, caro leitor, mas, infelizmente, não consigo encontrar palavras para descrevê-los.

A experiência visual mais próxima é a seguinte: ao olhar sua mão através de uma garrafa de água, você verá algo distorcido. Foi exatamente assim que os vi. O mar, que criava seu contorno, estava distorcido.

Essa foi a visão que tive. Aquilo que pedi e que me foi concedido.

Obviamente, achei que tinha visto algo que era fruto da minha imaginação, dado meu histórico anterior. Não conseguia acreditar no que tinha visto e sentido.

O restante do rito foi maravilhoso. O Caboclo Sr. 7 Ondas veio nos dar sua luz de sabedoria, e chamou os outros caboclos para terminarmos o rito.





Todos saímos de lá devidamente fortalecidos e abençoados pelas Santas Almas do Cruzeiro Divino.

Logo após o rito, na primeira oportunidade que tive com Mestre Ygbere, contei sobre o ocorrido. E, parafraseando suas palavras: “O que você viu, meu filho, foram seres Elementares”. E sorriu para mim, dizendo: “Deus escolhe os improváveis, meu filho... lembre-se sempre disso.”

Obviamente, senti-me pequeno, minúsculo, diante de tudo que aconteceu naquele dia. Senti-me, em certos aspectos, indigno daquilo.

Este breve relato é suficiente para mostrar as coisas que acontecem em nosso planeta Terra neste exato minuto.

As pessoas se perdem nas coisas terrenas. Se perdem em sua arrogância, ignorância e egoísmo e, com isso, são cada vez mais sugadas para um mundo de ilusões e sem sentido.

Em O Elo Perdido - Aláfia; 4ª edição, 2017, o Caboclo Sr. 7 Espadas nos dá uma ideia de como o homem vivia nos primórdios de sua existência:

*“(...) Nesta época, é importante salientar, o Homem Terráqueo vivia em pleno paraíso de luz, bênçãos e regeneração. Sua constituição morfológica era bem diferente da atual.*

*(...) É importante frisar que os Vermelhos, a priori, e depois as outras raças, ainda na Atlântida, tinham, além dos cinco sentidos por nós conhecidos, mais dois sentidos*

*superiores, ou seja, as quarta e quinta dimensões (espaço-tempo ilimitados). A própria fenomenologia reprodutiva era diferente, sendo também distintos os processos de crescimento e maturidade do Ser Humano. Dizemos maturação, pois o encéfalo já estava habilitado, praticamente no primeiro ano de vida, a executar funções que só o dito adulto atual é capaz de realizar. Sim, é porque eles não tinham (...) a dita Tela Mental.*

*(...) Entre o Corpo Físico e o Corpo Astral não havia nenhum delimitador vibratório ou dimensional, ou seja, os meios de comunicação com o Plano Astral eram naturais, normais. Não eram necessárias pontes, ou seja, portas vibratórias que se abrem e fecham.*

*(...) Naqueles áureos tempos, não havia morte brusca, pois os corpos físicos nunca eram contundidos. Com isso afirmamos que o homem não matava homem; homem não matava animal para se alimentar; o homem não matava, não contundia...”*

Conforme as eras passaram, tornamos cada vez mais arrogantes e ignorantes em relação à nossa própria existência e consciência.

Guerras, brigas, egoísmo, arrogância, violência, e as pessoas cada vez mais ligadas às coisas mundanas.

Nos afastamos de tudo o que nos liga ao astral, ao sagrado. Mas não percamos as esperanças! Se eu, perdido em uma escuridão de ignorância e arrogância, obtive a misericórdia divina e, mais do que isso, todo o suporte necessário para sair dessa escuridão e apego às condições mundanas, acreditemos que outras pessoas também assim o farão!

A Luz de nosso Pai Oxalá chegará a todos, mais cedo ou mais tarde. E nós, da Corrente Astral de Umbanda, lutaremos para que isso seja uma verdade.

# SEJA NOSSO PARCEIRO

Prezados irmãos e irmãs! Gostaríamos de poder contar com contribuições de qualquer valor para conseguirmos manter os trabalhos de divulgação da nossa Doutrina e das atividades de nosso Templo. Por favor, ajudem-nos para que nosso trabalho e nossa mensagem cheguem ao maior número de pessoas possível. Agradecemos de coração toda a ajuda recebida.



*Esse é o QR Code para doações via Pix, de qualquer instituição financeira.*

*Se preferir, utilize o email (chave pix) abaixo:*

***umbandainiciatica7@gmail.com***

